Capítulo 83

A Grande Guerra: o conflito europeu e mundial

A crise balcânica de 1914 precipitou a guerra entre a *Tríplice Entente* (França, Inglaterra e Rússia) e a *Tríplice Aliança* (Alemanha, Áustria e Itália). A luta, que se imaginava rápida, alongou-se, numa guerra de trincheiras. Os inimigos concentraram-se na produção de armas e equipamentos; pela primeira vez, a população se mobilizou, daí o nome de *Grande Guerra*. Ela se generalizou, mas atingiu total intensidade na França. Os franceses rechaçaram os alemães por três vezes: no Marne em 1914; em Verdun em 1916; e no Marne em 1918.

A Entente possuía recursos coloniais amplos. Os Impérios da Aliança já davam sinais de fraqueza quando dois eventos mudaram o rumo dos acontecimentos: a Rússia saiu do conflito por causa da Revolução de 1917, e entraram os Estados Unidos. Em 11 de novembro de 1918, os alemães capitularam. A Grande Guerra abalou os fundamentos da civilização européia, pôs em risco sua hegemonia e abriu espaço para a entrada de novos personagens no cenário mundial.

1. As origens profundas

A Grande Guerra resultou dos atritos permanentes provocados pelo imperialismo das grandes potências, agrupadas em duas alianças antagônicas: o sistema diplomático alemão, que formou a Tríplice Aliança; e o sistema dos franceses, que deu na Tríplice Entente. Ressentimentos nacionalistas e rivalidades políticas e econômicas provocavam atritos permanentes:

1. *França x Alemanha* — Os franceses queriam recuperar a Alsácia-Lorena, que os alemães pretendiam incorporar para sempre.

2. *Inglaterra x Alemanha* — A concorrência comercial-industrial entre as duas potências se traduzia em intensa rivalidade naval.

3. *Alemanha x Rússia* — A rota Constantinopla–Mediterrâneo do imperialismo russo cruzava com a rota Berlim–Constantinopla–Bagdá do imperialismo alemão.

4. *Rússia x Áustria* — O pan-eslavismo russo apoiava os desejos de independência dos povos eslavos dominados pelo Império Austro-Húngaro: movimento iugoslavo pelo reagrupamento dos croatas e eslovenos em torno da Sérvia; partido tcheco de Masaryk pela formação da Tchecoslováquia.

2. Razões imediatas

A rede de alianças defensivas e ofensivas era como uma bomba armada para explodir ao primeiro esbarrão. O imperialismo gerava atritos nas colônias; o nacionalismo gerava atritos na Europa.

A questão marroquina

Quando Inglaterra e França aliaram-se em 1904, os alemães sentiram-se ameaçados e, para mostrar força, opuseram-se à supremacia francesa no Marrocos, ao norte da África, prevista pelo acordo anglo-francês. O imperador alemão Guilherme II desembarcou em Tânger, norte da África, ameaçando a França. Após conferência internacional em Algeciras, Espanha, em 1906, a supremacia francesa no Marrocos foi confirmada e a Alemanha recebeu terras no sudoeste africano.

Em 1911, novo incidente. Tropas francesas entram na cidade marroquina de Fez, para garantir europeus ameaçados por uma revolta local; os alemães enviam um navio para defender seus interesses; e só se evita o conflito com a cessão do Congo Francês aos alemães.

A questão balcânica

Em 1908, a Áustria anunciou a anexação dos territórios eslavos da Bósnia e Herzegovina, contrariando interesses sérvios e russos. O nacionalismo sérvio explodiu em 18 de junho de 1914.

Dois iugoslavos de nacionalidade austríaca, Prinzip e Tchabrinovitch, assassinaram o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, em Sarajevo, capital da Bósnia— uma província da Sérvia.

A Áustria decidiu eliminar o problema de vez, humilhando a Sérvia ou lhe declarando guerra. A Alemanha aprovou, para manter o poderio de sua principal aliada. Mas a Rússia não podia permitir a inferiorização do elo mais importante da política pan-eslava, a Sérvia. Poincaré, presidente da França, numa fala ambígua em São Petersburgo, pareceu garantir apoio ao imperador russo Nicolau II.

Os acontecimentos se precipitaram. A Áustria enviou ultimato à Sérvia, exigindo a desativação do movimento "iugoslavo" e a participação de austríacos na comissão de investigação do atentado. Aconselhada pela Rússia, a Sérvia não aceitou. Em 28 de julho de 1914, a Áustria declarou guerra à Sérvia. A Rússia mobilizou suas tropas. Contando com a neutralidade inglesa, os alemães apoiaram a Áustria e declararam guerra aos russos em 1º de agosto e, dois dias depois, aos franceses.

A Itália, alegando o caráter defensivo de seu tratado com os alemães, manteve-se neutra. A Inglaterra inclinava-se para uma mediação. Mas, em 4 de agosto, decidiu-se pela guerra contra a Alemanha, pois esta violou a neutralidade da Bélgica e a invadiu, para atacar a França.

O sistema de alianças havia transformado um problema local em guerra generalizada. Com o desenrolar do conflito, outras nações entraram na luta, inclusive o Brasil. Os contendores foram:

Aliança: Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária, Turquia;

Entente: Sérvia, Rússia, França, Bélgica, Império Britânico, Japão, Itália, Portugal, Romênia, Estados Unidos, Grécia e Brasil.

3. A frente ocidental

No começo, havia equilíbrio em número de habitantes e soldados. Diferentes eram os equipamentos e os recursos. A Entente não tinha canhão de longo alcance mas dominava os mares, graças ao poderio naval inglês. As operações se dividiram em três fases:

Guerra de movimento (agosto-novembro de 1914) — Sob o comando de Von Moltke, os alemães aplicaram plano do general Graff Schlieffen, de 1900: pequenos contingentes no leste, contando com a lentidão do exército russo; lançar o grosso das tropas contra a França, passando pela Bélgica, evitando as fortificações da Lorena; voltar-se contra os russos rapidamente após a rendição francesa.

Com artilharia pesada e 78 divisões, os alemães passaram pela Bélgica, venceram os franceses na fronteira e rumaram para Paris. O governo francês se mudou para Bordeaux e, na *Batalha do Marne*, o general Joffre conteve os alemães, que recuaram.

Guerra de posições (novembro de 1914 a março de 1918) — Os movimentos em massa deram poucos resultados. Cada centímetro que se avançava no mapa custava longa preparação e milhares de vidas. A frente se imobilizou por três anos. Protegidos por arame farpado, os exércitos se enterraram nas trincheiras. Nomeado comandante supremo, o general Pétain pôs fim às sangrentas tentativas de quebrar a linha defensiva dos alemães.

Ofensivas de 1918 — Vários elementos modificaram as condições de combate: o uso de tanques a partir de 1916, com o que se pôde ultrapassar as trincheiras; a maior eficiência dos aviões de caça, bombardeio e observação; e a chegada dos americanos, com 1 200 000 homens em 1917, sob o comando do general Pershing.

A entrada dos Estados Unidos beneficiou os aliados da Entente, mas a saída da Rússia favoreceu a Alemanha. Com a Revolução Russa de 1917, de caráter socialista, a Rússia assinou a paz com a Alemanha em *Brest-Litovsk*, em 3 de março de 1918.

Aliviado na frente oriental, o novo chefe do Estado-Maior, Hindemburgo, estabeleceu uma linha fortificada para defender a Alemanha. Com as forças vindas da frente russa, os alemães romperam a linha dos Alpes, ao norte da Itália, e invadiram Veneza. Iniciaram a Batalha da França, com quatro ataques. Aviões e canhões *Bertha* de longo alcance bombardearam Paris.

Sob o comando do general Foch, os aliados contra-atacaram e venceram os alemães de novo sobre o rio Marne, perto de Paris. As forças reunidas em torno dos alemães entraram em colapso. Na Macedônia, a Bulgária depôs as armas. Na Síria, os ingleses obrigaram os turcos a capitular. Os austríacos, vencidos pelos italianos, abandonaram a luta.

Restavam os alemães. Os generais comunicaram sua posição ao *kaiser* Guilherme: sobre ele, o imperador, devia recair a culpa pela derrota, não sobre o exército, que devia ter sua imagem preservada; eram favoráveis à mudança no regime de governo, à queda do Império. Guilherme II formou um *gabinete parlamentar* sob liderança do chanceler Max de Bade, para tratar da paz com o presidente Wilson, dos Estados Unidos. Mas uma greve em Berlim e um atentado contra o imperador o obrigaram a abdicar e refugiar-se na Holanda.

Em 9 de novembro de 1918, a República foi proclamada em Berlim. No dia 11, representado por um conselho social-democrata, o governo alemão assinou o armistício; aceitou todas as condições impostas pelos aliados.

4. A dimensão européia

Na frente oriental, os alemães receberam apoio da Bulgária e da Turquia, movidas por solidariedade política contra a Rússia. A Turquia, dependente da Alemanha, declarou guerra à Rússia depois que esta foi derrotada na batalha de Tannenberg, em outubro de 1914, e fechou os estreitos para a isolar no Mar Negro. Os aliados tentaram romper o bloqueio, sem sucesso. A Bulgária também declarou guerra à Rússia e à Sérvia, depois de receber promessas territoriais dos alemães. Sérvia, Polônia e Lituânia foram conquistadas pelas tropas alemãs.

A Itália, da Tríplice Aliança, declarou-se neutra. A Áustria se recusava a ceder-lhe as províncias fronteiriças de língua italiana: Tirol, Trentino, Ístria e Trieste. Em 1915, os italianos assinaram com os ingleses o *Tratado de Londres*, pelo qual receberiam as províncias e outras terras, em troca de declarar guerra à Áustria e à Alemanha.

A Romênia declarou guerra à Áustria em agosto de 1916, com a promessa de receber a Transilvânia. Na Grécia, a expedição francesa enviada para socorrer a Sérvia depôs o Rei Constantino; e o ministro Venizelos declarou guerra à Alemanha em junho de 1917.

Os escandinavos, suíços, holandeses e espanhóis desfrutaram as vantagens de permanecer na neutralidade.

5. A economia e os mares

Os contendores sofreram bruscas mudanças em suas economias, pois precisaram mobilizar todos os recursos disponíveis; o esforço exigia a concentração de poderes, o que levou à passagem do liberalismo ao dirigismo. Este se manifestou em vários aspectos:

- no controle monetário, pois o papel-moeda tornou-se inconversível em ouro e ampliaram-se as emissões, aumentando a inflação;
- no controle do comércio exterior, da distribuição de matéria-prima e da própria produção;
- no controle da distribuição, através do estabelecimento de regras de racionamento e da fixação de preços.

A busca de controle dos recursos mundiais impunha o domínio dos mares. Após a *Batalha da Jutlândia* (futura Dinamarca), em maio de 1916, entre ingleses e alemães, a marinha alemã ficou isolada em seus portos. A Inglaterra pôde então impedir os neutros de abastecer o inimigo e manteve os recursos mundiais à disposição de seus aliados.

Inicialmente, os alemães se contentavam com o que havia na Europa. A ocupação da Polônia e Romênia se traduzia em petróleo; da Ucrânia, trigo e carvão; de Baku, Turquia, mais petróleo. Procuraram romper o bloqueio com mais submarinos: tinham 30 em 1914 e 154 em 1916. Em fevereiro de 1915, declararam que torpedeariam todos os navios mercantes em águas inglesas. Meses depois afundaram o inglês *Lusitânia*, matando 1 200 pessoas, entre elas 118 americanos.

Os navios mercantes continuaram a transportar armas americanas para os aliados e os alemães, em fevereiro de 1917, declararam guerra submarina generalizada, com torpedeamento sem advertência por quase todo o Mar do Norte. Afundaram 874 000 toneladas dos britânicos, cerca de 15% de sua frota mercantil.

6. Entram os americanos

Mantendo a neutralidade, o presidente Wilson esperava que o esgotamento dos combatentes levasse a uma mediação americana. Enquanto isso, os americanos ocupavam os mercados abandonados pelos europeus na América Latina.

A neutralidade ficou difícil, pois os aliados passaram a comprar mais dos Estados Unidos, que se dispuseram a uma política de *solidariedade econômica*. Aos poucos, estabeleceu-se também a *solidariedade financeira*: depois de pagar suas importações em ouro e em títulos, França e Inglaterra obtiveram dos bancos americanos grandes empréstimos, que quase bateram nos 2 milhões de dólares em 1916. Claro que os americanos ficaram estreitamente ligados aos clientes e devedores.

A guerra submarina alemã provocou protestos dos Estados Unidos. Ela ameaçava frear as exportações americanas, provocando excesso de produtos no mercado interno; e os banqueiros temiam perder o dinheiro investido em caso de derrota aliada.

Dois incidentes levaram o Congresso americano a apoiar a proposta de Wilson em favor dos aliados: a revelação de uma oferta alemã ao México de aliança contra os Estados Unidos e o torpedeamento do navio americano *Vigilentia*.

Em 6 de abril de 1917, os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha.

7. Saldo: perdas e lucros

A Grande Guerra deixou grande número de vítimas e beneficiários; e provocou um deslocamento mundial da relação de forças e da riqueza, em prejuízo da Europa.

O *balanço demográfico* registrou 8 milhões de mortos, dos quais:
- 1 800 000 alemães (3 em cada 100 habitantes);
- 1 700 000 russos;
- 1 400 000 franceses;
- 744 000 britânicos;
- 700 000 italianos.

Além das mortes, 20 milhões de inválidos, o que significou para a Europa um inválido em cada dez trabalhadores.

O *balanço econômico* demonstrou um custo de guerra orçado em 30% da riqueza nacional da França e 22% da inglesa. O potencial industrial da Europa sofreu redução de 40% e o agrícola, de 30%. Os bens nacionais no estrangeiro foram em grande parte liquidados. Os 63% do mercado mundial que a Europa detinha em 1913 caíram para 52% em 1922.

O *balanço financeiro* revelou crescimento da dívida exterior e da circulação monetária, que passou na França de 5,7 bilhões de francos em 1913 para 38,2 bilhões em 1920. O déficit da balança de pagamentos desvalorizou a moeda. Em janeiro de 1922, a libra perdeu 27% em relação ao dólar; o franco, 63%; e o marco, 98%.

Os Estados Unidos perderam 115 000 soldados: um morto para cada mil habitantes. Gastaram 36 bilhões de dólares, 50 vezes o orçamento de 1913. Mas saíram como a primeira potência mundial. Os ganhos em números:

	1913	**1919**
Exportações (em US$)	*2,4 bilhões*	*7,7 bilhões*
Produção de carvão (em t)	*515 milhões*	*615 milhões*
Produção de petróleo (em t)	*33 milhões*	*47 milhões*
Renda nacional (em US$)	*33 bilhões*	*68 bilhões*
Estoque de ouro (em US$)	*1,8 bilhão*	*4,5 bilhões*

Outros países saíram ganhando com a Grande Guerra. A quantidade de ouro dobrou na Suíça, triplicou na Suécia e quadruplicou na Espanha. Na Ásia, o grande beneficiado foi o Japão, que ocupou o lugar da Inglaterra nos mercados do Pacífico e duplicou sua produção de aço e tecidos de algodão.

Os países não-industrializados também ganharam, seja por fornecer alimentos e matérias-primas, seja pela possibilidade que tiveram de desenvolver sua própria indústria. Foi o caso do Canadá e o do Brasil, como vimos no capítulo sobre a República do café-com-leite. Depois da guerra, a influência americana cresceria entre nós; saiu a libra e entrou o dólar como moeda-base para nossas referências cambiais. O número de empresas americanas cresceria vertiginosamente, enquanto os alemães, é claro, sairiam perdendo. O governo brasileiro começou por encampar suas

empresas. Só se salvaram aquelas que, antecipadamente, haviam se associado a importantes personagens da vida política brasileira.

Questões propostas

1. Por que um problema local como a crise balcânica acabou em guerra de proporções mundiais?

2. Com que estão relacionadas as causas profundas para a Grande Guerra? Quais foram as causas imediatas, o "estopim"?

3. Como começou a luta e como as potências foram entrando nela? Como ficaram compostos os dois blocos beligerantes?

4. Como se desenvolveu a guerra na frente ocidental?

5. Quando começou a desenhar-se a vitória dos aliados? O que os generais alemães expuseram ao kaiser Guilherme? Quem assinou a paz?

6. Resuma: as dimensões econômicas e navais do conflito.

7. Resuma: a participação dos americanos na Grande Guerra.

8. O que precipitou a entrada dos americanos na luta?

9. Quem foram os grandes beneficiados pela Grande Guerra? Explique.

Cenas da Grande Guerra

Guarnição de uma metralhadora, em 1914.

Morteiro em ação na batalha de Ypres, em 1917.

Trincheira com soldados ingleses.

Soldado se prepara para lançar granada. A máscara contra gases era necessária devido ao intenso uso de substâncias químicas nos campos de batalha.